

Artigo / Article

Entre a dêixis e a desbreagem: contribuições da Linguística Textual e da Semiótica Discursiva na abordagem didática de pronomes em textos

*Between deixis and disengagement: contributions of Textual Linguistics
and Discursive Semiotics in the didactic approach to pronouns in texts*

Antonio Lemes Guerra Junior 

Universidade Estadual de Londrina, Brasil
guerrajr@uel.br
<https://orcid.org/0000-0002-8771-908X>

Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira 

Universidade Estadual de Londrina, Brasil
lolyane@uel.br
<https://orcid.org/0000-0002-9606-6869>

Ana Paula Pinheiro da Silveira 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
apsilveira@utfpr.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-6951-6425>

Recebido em: 05/02/2024 | Aprovado em: 03/04/2024

Resumo

O ensino de Língua Portuguesa, em conformidade com referenciais normativos, especialmente a BNCC, assume o texto como unidade de ensino. Por meio dele, o texto, professores devem buscar o desenvolvimento de competências de seus alunos para os diferentes usos das linguagens, plurais, múltiplas. Nesse amplo espectro, a "língua" deve também ser mobilizada, de modo que se reconheçam os mecanismos que engendram sentidos nele, o texto. Partindo da premissa de que elementos linguísticos devem ser estudados, em sala de aula, de modo contextualizado, este artigo apresenta uma proposta de abordagem de pronomes, com ênfase nos efeitos de sentido deles decorrentes. Para isso, selecionando como objeto uma canção integrante da cultura sertaneja contemporânea (*Troca de calçada*, de Marília Mendonça), o artigo parte de intersecções entre princípios teóricos advindos tanto da Linguística Textual

quanto da Semiótica Discursiva, exemplificando a possibilidade de um trabalho docente com a leitura sustentado em uma base teórica interseccional.

Palavras-chave: Leitura • Canção • Ensino • Referenciação • Enunciação

Abstract

The teaching of the Portuguese language, per normative references, especially the BNCC, considers the text as the unit of instruction. Through it, teachers should seek the development of their students' competencies for the diverse, plural, and multiple uses of languages. Within this broad spectrum, the "language" itself must also be mobilized so that the mechanisms generating meaning in the text are recognized. Starting from the premise that linguistic elements should be studied in a contextualized way in the classroom, this article presents an approach for pronouns teaching, emphasizing the resulting effects of meaning. For this purpose, selecting a song from contemporary country culture as the object (*Troca de calçada*, by Marília Mendonça), the article builds on intersections between theoretical principles derived from both Textual Linguistics and Discursive Semiotics, exemplifying the possibility of teaching work with reading supported by an intersectional theoretical foundation.

Keywords: Reading • Song • Teaching • Referencing • Enunciation

Considerações iniciais

Ela, a aula de português, tem se constituído como um espaço de embates teórico-metodológicos, a partir dos quais são buscadas estratégias capazes de tornar plenamente alcançados os objetivos delineados para a formação de estudantes no estudo de sua língua materna. A noção de uma "gramática contextualizada", que nos permita "limpar o pó das ideias simples", como discute Antunes (2014), circula já há algum tempo nos referenciais que norteiam a construção do currículo escolar no Brasil, incluindo, no caso de um suporte mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro (Brasil, 2018, p. 139).

Para este trabalho contextualizado, a BNCC "assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na [sua] abordagem" (Brasil, 2018, p. 67). Isso evidencia a necessidade de que a prática pedagógica seja balizada por concepções teóricas, as quais possam instrumentalizar o professor no direcionamento de suas ações mediadoras entre texto e aluno. Nas palavras de Antunes (2014, p. 16), "nossa programação de ensino é ditada pelas concepções que alimentamos". Em outros termos: "De

onde vêm as práticas, se não dos pontos de vista teóricos que admitimos?” (Antunes, 2014, p. 16). Sobre isso, a discussão a seguir é inspiradora para nosso trabalho:

Por exemplo, numa atividade de português em que, depois de apresentado um poema, se pede ao aluno que “retire todos os pronomes e classifique-os”, que concepção de linguagem, de texto, de interação, de negociação de sentido está subjacente? O que acontece se a gente “retira” os pronomes do texto apenas para classificá-los?

Que função têm os pronomes fora do texto? Quem é um “eu”, ou um “tu” fora do uso? Do ponto de vista do sentido pretendido, que diferença faz saber se o pronome é do caso reto ou do caso oblíquo? Existe, em atividades desse tipo, algum sinal *de um sentido construído na interação entre sujeitos*, movidos, em um contexto qualquer, por alguma intenção comunicativa?

Quer dizer: a fundamentação teórica que admitimos está subjacente às atividades que fazemos com os textos, a partir dos quais pretendemos que os alunos aprendam alguma coisa, tenhamos consciência disso ou não. (Antunes, 2014, p. 17, grifos da autora)

Em continuidade ao exemplo ora proposto, como a BNCC (Brasil, 2018) sugere a abordagem de elementos pronominais? Uma busca no documento expõe menções a esses recursos linguísticos em diferentes passagens, tanto em uma perspectiva mais formal – “conhecer as classes de palavras [...] e analisar suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento” (p. 83) – quanto em bases funcionalistas – “recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais [...] ou pronominais [...] que contribuem para a continuidade do texto” (p. 113); “utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência [...] recursos de coesão pronominal” (p. 113), “utilizar e perceber mecanismos de progressão temática, tais como retomadas anafóricas [...] catáforas [...] uso de organizadores textuais, de coesivos etc.” (p. 185); “utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal)” (p. 191).

Como já mencionamos, o texto é a unidade central para essas abordagens, e a BNCC (Brasil, 2018) propõe o trabalho com manifestações textuais emergentes em diferentes campos de atuação social¹, como, por exemplo: da vida pessoal; das práticas de estudo e pesquisa; jornalístico-midiático; de atuação na vida pública; e artístico. Na descrição de cada uma dessas esferas, fica evidente a intenção do documento em defender as práticas contextualizadas, o que observamos, a título de ilustração, na caracterização do campo artístico:

O **campo artístico** é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade (Brasil, 2018, p. 489).

¹ Para Bakhtin (1997), “esferas de atividade humana”.

Busca-se a formação do estudante para muito além da mera identificação de elementos linguísticos. E é com base nessa premissa, portanto, que nosso artigo se sustenta, objetivando apresentar o delineamento de uma proposta didática para a abordagem de recursos da língua (no caso, pronomes), por meio da leitura textual-discursiva de um texto vinculado ao campo artístico, especificamente, a canção *Troca de calçada*, de Marília Mendonça, a partir da articulação das contribuições de duas teorias do texto e discurso: a Linguística Textual e a Semiótica Discursiva.

A justificativa para essa articulação teórico-metodológica reside no fato de ambas as teorias, além de oferecerem recursos analíticos para a leitura de textos, encontrarem-se na compreensão dos efeitos de sentido alcançados por estratégias enunciativas emergentes do emprego de pronomes. Como será explicitado, as consequências dessa opção expressam-se num percurso de análise dialógico e, sobretudo, coeso.

Para atender ao objetivo delineado, o artigo está assim estruturado: nas duas primeiras seções, apresentamos, em linhas gerais, o espaço ocupado pelos pronomes no quadro epistemológico das teorias elencadas; na sequência, fazemos a apresentação do texto selecionado como base para a proposta, além de descrevermos aspectos necessários à abordagem da unidade textual; por fim, desenvolvemos nossa leitura teoricamente fundamentada do texto, com orientações para um trabalho contextualizado em sala de aula.

1 O olhar da Linguística Textual para os pronomes

A Linguística Textual (LT) transformou os métodos de trabalhar o enunciado. Se antes da LT a análise se limitava apenas ao nível da frase, passou-se então a estudar o texto numa perspectiva interacional. A teoria do texto passou a considerar a língua não mais como algo isolado ou independente, conforme estudos anteriores. Seu foco deslocou-se do nível da palavra ou da frase para o texto, considerado a manifestação específica da linguagem e a unidade fundamental da comunicação. A partir dessa perspectiva, a produção linguística é vista como uma ação interacional, subjacente a atividades processuais que envolvem aspectos linguísticos, pragmáticos e cognitivos, e escrever passa a exigir a consideração do contexto.

Dentro dessa visão interacional (dialógica) da língua, o texto é concebido como o próprio local da interação, e os interlocutores são considerados sujeitos ativos que se constroem e são construídos dialogicamente por meio dele (Koch; Elias, 2008). Ele constitui um evento comunicativo convergente de ações linguísticas, cognitivas e sociais, e não apenas uma sequência de palavras proferidas ou escritas (Beaugrande, 1997). Analisar um texto requer, portanto, um duplo movimento: a observação do texto individual na situação enunciativa e a consideração de regularidades textuais, como destacado por Adam (2019). As relações de sentido que conferem ao texto sua unidade de coerência são construídas em uma interação comunicativa encenada por locutores e interlocutores, desempenhando papéis sociais em um contexto sócio-histórico específico, o que o torna um enunciado único e irrepetível.

Segundo Koch e Elias (2016, p. 34): “Se o texto é texto à medida que o vemos como tal, é porque nesse processo estabelecemos conexões entre texto, sujeito e sociedade”. Assim, as autoras enfatizam que o texto é resultado de uma “complexa multiplicidade de conexões”. Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se necessário compreender os referentes e de que forma eles se comportam e se vinculam entre si, em meio à progressão textual.

Frequentemente, utilizamos o conceito de referente em diversos contextos, pois um texto inevitavelmente menciona entidades às quais está se referindo. Mondada (1994) escolhe chamar esses referentes de objetos de discurso, que não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-se no próprio processo de interação. São dinâmicos, pois, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente modificados, desativados, reativados, (re)construindo-se o sentido do texto, no curso de uma progressão referencial, enfatizando o processo dinâmico de negociação presente nos textos. Dessa forma, os objetos de discurso são intrinsecamente voláteis, pois naturalmente evoluem no momento singular e irreproduzível do texto. A referência aos objetos de discurso vai além da simples associação de palavras a coisas no mundo; trata-se, pelo contrário, de uma operação complexa de coconstrução de significados. Nesse sentido, concordando com Mondada (1994), optamos por nomear esse processo dinâmico de referência como *referenciação*.

Conforme Cavalcante *et al.* (2022), é pela referenciação que os modos de o sujeito ver o mundo e filtrar a memória coletiva são recortados e ajustados para ecologicamente produzir sentidos em colaboração. A abordagem de referentes ocorre efetivamente no âmbito da interação, onde os participantes, como atores sociais, calculam suas falas, projetando como se dirigirão ao outro com base em valores e crenças contextuais. A partir dessas projeções mútuas, surgem os referentes no texto, caracterizando toda essa dinâmica como uma negociação complexa (Mondada, 1994). Essa negociação não se limita à escolha de expressões referenciais mais apropriadas, estendendo-se a qualquer decisão sobre elementos textuais interconectados que emergem na situação representada, incorporando valores sociais. São negociações porque não se alinham a uma verdade única, nem à melhor verdade, mas sim a verdades filtradas por perspectivas sociais e visões individuais, frequentemente divergentes.

A fim de garantir a continuidade de um texto, faz-se necessário estabelecer um equilíbrio entre a repetição e a progressão textual. Na escrita de um texto, segundo Koch e Elias (2018), remete-se a referentes que já foram antes citados, ou seja, foram apresentados à memória do interlocutor, e acrescentam-se as informações inéditas, que também passarão a constituir o suporte para outros dados. A essas retomadas ou remissões de um mesmo referente dá-se o nome de *progressão referencial* e, dentre os elementos linguísticos responsáveis por esse processo, temos os pronomes, que podem tanto ser elementos dêiticos quanto anafóricos, dependendo de como são usados em uma frase ou contexto específico.

Com base na proposta de classificação de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os pronomes desempenham o papel anafórico quando apresentam a função de dar continuidade a uma referência ao longo do texto, constituindo-se como recursos responsáveis pela coesão textual. Vejamos os exemplos:

LINHA D'ÁGUA

(1) Os teóricos da LT estudam a referenciação. *Eles* associam o conceito à coesão textual.

(2) A rede conceitual da LT é vasta. *Eles* incluem a coesão e a coerência.

A anáfora será direta, ou correferencial, como em (1), quando o pronome retomar o mesmo referente já introduzido no texto (“eles” retoma “os teóricos da LT”), ou indireta, como em (2), quando resgatar outro referente já introduzido no texto, associando-se indiretamente a ele (“eles” retoma “a rede conceitual da LT”). Já o papel dêitico dos pronomes se define pela capacidade de criarem vínculos entre o cotexto e a situação enunciativa em que estão os participantes do ato comunicativo. Nesse sentido, a ocorrência, por exemplo, de pronomes pessoais, pronomes possessivos, assim como outras marcas que se refiram aos participantes da situação de enunciação, instaura a chamada dêixis pessoal, com referência às pessoas do discurso – como ocorre em (1) e em (2) com o emprego de “eles” (3ª pessoa).

Ainda que a dêixis seja classificada em diferentes tipos (pessoal, social, espacial, temporal, textual e memorial), priorizamos, nesta análise, os dêiticos pessoais.

2 O olhar da Semiótica Discursiva para os pronomes

A Semiótica Discursiva (SD), de linha francesa, integra o quadro de teorias que se ocupam do texto. Seu objetivo central é “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (Barros, 2007, p. 7). Dessa forma, volta-se, num primeiro momento, para o plano de conteúdo do texto, explorando todos os mecanismos responsáveis pelo engendramento dos sentidos, abrindo espaço, na sequência, para a análise de seu plano de expressão, em que a materialidade do texto é posta em relação ao que a subjaz.

Ao longo de seu desenvolvimento, a SD construiu um aparato metodológico que nos permite analisar o texto, de forma pormenorizada, em uma trajetória que parte das estruturas textuais mais profundas até as mais superficiais: o percurso gerativo de sentido (PGS). Por meio dessa metodologia, em três níveis, do fundamental ao discursivo, passando pelo narrativo, busca-se revelar aspectos como: categorias semânticas que originam sentidos; interações entre sujeitos e objetos de valor; e, em última instância, estratégias enunciativas. É nesse último patamar, o nível discursivo, que se concentram nossas reflexões.

O nível discursivo se caracteriza por ser a etapa em que o sujeito da enunciação assume as estruturas narrativas, discursivizando-as. Conforme Barros (2007, p. 53),

O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia.

Os efeitos de sentido decorrem, nessa perspectiva, das projeções da enunciação no enunciado: “Se a enunciação se define a partir de um *eu-aqui-agora*, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaço-

temporais” (Fiorin, 2008, p. 57). As categorias de pessoa, espaço e tempo materializam-se por meio de recursos da língua, em um processo conhecido como *debreagem*, que consiste na “expulsão fora da instância da enunciação da pessoa, do espaço e do tempo do enunciado” (Fiorin, 1995, p. 29) e que “tem por efeito referencializar a instância a partir da qual ela se efetua” (Greimas; Courtés, 2008, p. 162), simulando efeitos de realidade.

A temporalização (categoria de tempo), conforme Fiorin (1996), manifesta-se na linguagem pela discursivização das ações, com o emprego, por exemplo, de formas verbais e adverbiais. A espacialização (categoria de espaço), por sua vez, ainda que possa não ser manifestada, pode ser recuperada linguisticamente pela presença de formas adverbiais e pronominais demonstrativas, que delimitam espaços enunciativos. Já a actorialização (categoria de pessoa), de caráter fundamental para a construção do discurso, desenvolve-se de maneira complexa, ao concentrar-se prioritariamente em torno do “eu”. Temos aí, portanto, uma discussão central para nossa proposta.

A introdução da categoria de pessoa pode ocorrer de maneira genérica, mediante o uso de elementos como *eu*, *tu* ou *ele*. Fiorin (1996) esclarece que *eu* e *tu* são sempre únicos, indicando quem fala e para quem se fala, referindo-se aos sujeitos da enunciação. Por outro lado, *ele* pode representar uma variedade de sujeitos ou, até mesmo, nenhum sujeito, sendo, por essa razão, classificado como “não-pessoa”, conforme a concepção de Benveniste (1995), uma vez presente apenas no enunciado, não sendo instaurado como actante da enunciação. No entanto, conforme Fiorin (1996, p. 60), “não se pode esquecer que é a situação de enunciação que especifica o que é pessoa e o que é não-pessoa e que a terceira pessoa é explicitada no contexto e não na situação”. Isso ficará evidente, por exemplo, em nossas análises.

Vale destacar que a construção da cena enunciativa, por meio da *debreagem*, se dá de modos diferentes. Vejamos os exemplos:

- (1) Neste artigo, nós estamos propondo uma análise semiótica.
- (2) O artigo apresentado propôs uma análise semiótica.

Quando o texto apresenta as indicações de *eu-aqui- agora*, referindo-se à instância da enunciação, como em (1), caracteriza-se como um texto enunciativo, em que se verifica uma *debreagem enunciativa*. Em contrapartida, quando essas indicações estão ausentes, e outras fazem alusão a um não-eu (*ele*), um não-aqui (*alhures*) e um não-agora (*então*), como em (2), configura-se um texto enuncivo, resultado de uma *debreagem enunciva*. Conforme Fiorin (2008), as *debreagens enunciativa* e *enunciva* produzem, respectivamente, dois tipos de discurso, em 1ª e em 3ª pessoa, dos quais decorrem efeitos de sentido específicos: de subjetividade ou aproximação; e de objetividade ou distanciamento.

Tais efeitos operam no texto com o objetivo de criar simulacros da realidade, de modo que se alcance a adesão a um jogo argumentativo. Isso se dá na medida em que “todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso)”, sendo que “os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade” (Barros, 2007, p. 55). Em sala de aula, são esses efeitos – decorrentes do emprego de pronomes ou de outros recursos linguísticos – que devem ser explorados para além da superficialidade textual.

3 O texto objeto de análise

Assim como discutimos na seção introdutória, a proposta que pretendemos delinear neste artigo parte da seleção de um texto do campo de atividade humana artístico. Considerando alguns critérios basilares, tais como a produtividade no emprego de elementos pronominais e a atualidade do discurso manifestado, elegemos a canção *Troca de calçada*, lançada pela cantora brasileira Marília Mendonça (1995-2021), em 2021, e cuja letra é apresentada no Quadro 1, segmentada em duas partes, conforme nossa abordagem analítica:

Quadro 1. Materialidade textual sob análise

Parte 1	Parte 2
1 Se alguém passar por ela	14 Pra ter o corpo quente
2 Fique em silêncio, não aponte o dedo	15 Eu congelei meu coração
3 Não julgue tão cedo	16 Pra esconder a tristeza
4 Ela tem motivos pra estar desse jeito	17 Maquiagem à prova d'água
5 Isso é preconceito	
6 Viveu tanto desprezo	18 Hoje você me vê assim e troca de calçada
7 Que até Deus duvida e chora lá de cima	19 Só que amar dói muito mais
8 Era só uma menina	20 Do que um nojo na sua cara
9 Que dedicou a vida a amores de quinta	
10 É claro que ela já sonhou em se casar um dia	21 Pra ter o corpo quente
11 Não estava nos planos ser vergonha pra família	22 Eu congelei meu coração
12 Cada um que passou levou um pouco da sua vida	23 Pra esconder a tristeza
13 E o resto que sobrou ela vende na esquina	24 Salto 15 e minissaia
	25 Hoje você me vê assim e troca de calçada
	26 Mas se soubesse um terço da história
	27 Me abraçava e não me apedrejava

Fonte: Troca [...] (2021).

Em linhas gerais, a canção explora a narrativa de uma personagem caracterizada como uma mulher que, profissionalmente, atua como acompanhante. Em um processo referencial desenvolvido em duas etapas, na primeira parte, o discurso é manifestado em 3ª pessoa, sob a perspectiva de um expectador da trajetória d'ela. Já na segunda sequência de versos, é ela (na posição de “eu”) quem assume a enunciação, por meio de um discurso em 1ª pessoa. Reside nesse movimento enunciativo o cerne de nossa proposta didática.

Vale destacarmos, contudo, que não é nossa intenção fornecer um quadro metodológico fechado, com indicações referentes a aspectos como quantidade de aulas necessárias para aplicação, procedimentos didáticos pormenorizados, sequência de atividades, entre outros componentes costumeiramente divulgados como roteiros para a ministração de aulas. Nossa proposta especifica apenas dois aspectos basilares: trata-se de uma abordagem em maior consonância com as orientações curriculares para o Ensino Médio, sobretudo dada a temática contemplada no objeto de análise; e são contemplados prioritariamente dois eixos de ensino referenciados pela BNCC (Brasil, 2018) para as aulas de português – leitura e análise linguística/semiótica.

Nesse sentido, na sequência, apresentamos a nossa leitura da canção, cujo percurso desdobra-se como um modelo/exemplo a ser conduzido em sala de aula, tanto a partir do mesmo objeto quanto a partir de outras manifestações textuais, sejam ou não da esfera artística musical. Essa leitura está fundamentada no referencial teórico previamente discutido, de modo que fiquem evidentes as contribuições das teorias mobilizadas para a abordagem de elementos pronominais empregados na canção.

4 A proposta de análise do texto

Esta seção constitui o ponto fulcral de nossa proposta, uma vez que apresenta, de modo fundamentado, a leitura da canção *Troca de calçada* (2021), em três momentos: (i) a análise dos processos dêiticos, a partir do viés da LT; (ii) a exploração dos mecanismos de debreagem, com o suporte da SD; e, por fim, (iii) uma discussão que expande o olhar sobre os efeitos de sentido alcançados para além da materialidade verbal do texto.

4.1 Os pronomes e a dêixis no texto

Em consonância com o que discutimos até aqui, é fundamental compreender o texto como um produto de nossas ações sociais, o que implica vê-lo como uma atividade que envolve interação e intencionalidade, por se direcionar ao outro, evidenciando posturas e intenções comunicativas. Considerando os princípios da LT e o trabalho assíduo com o texto em sala de aula, nas mais diversas esferas sociocomunicativas, pretendemos sugerir, por meio da análise dos elementos pronominais que a canção *Troca de calçada* (2021) nos apresenta, uma proposta de leitura que conduza o interlocutor a perceber os seus efeitos de sentido.

A partir da abordagem teórica previamente apresentada, verificamos que a LT, no percurso de suas transformações, voltou seu olhar à dinâmica dos processos referenciais que emergem dos textos, o que inclui a investigação dos dêiticos. Em nosso objeto de análise, a canção, tais elementos desempenham um papel fundamental na construção da narrativa, conectando o leitor às experiências e às emoções da pessoa a que se faz referência na letra. Eles ajudam a criar uma sensação de empatia e compreensão em relação à locutora/enunciadora, especialmente dadas as condições sociais em que é retratada.

Para a condução de uma atividade de leitura pautada nesses fundamentos, o professor pode guiar seus alunos na identificação, por exemplo, dos dêiticos pessoais, diretamente relacionados aos pronomes que indicam as pessoas envolvidas na narrativa. Em nossa proposta de análise, a seguir, destacamos algumas marcas utilizadas e apontamos como elas contribuem para a construção do significado do texto.

Dêixis pessoal (2ª e 3ª pessoas)

Na primeira parte da canção, nas linhas de 1 a 13, a dêixis pessoal se manifesta em duas direções: a 2ª e a 3ª pessoa do discurso. A marca do outro, da 2ª pessoa, materializa-se no pronome de tratamento “você”, não explicitamente mencionado, mas resgatável no imperativo “Fique em silêncio” (linha 2), assim como no imperativo negativo “Não julgue” (linha 3). O estabelecimento do outro se dá, assim, por uma forma de dêixis social, que, além de interpelar o “tu”, a 2ª pessoa do discurso, demonstra uma relação de imposição na maneira de se dirigir ao outro. Desse modo, além de instaurar uma 2ª pessoa, a interpelação indica uma tentativa de engajar o interlocutor na situação, chamando a atenção dele nesse momento da situação comunicativa simulada – a história que se conta pela canção.

É na ocorrência da 3ª pessoa, porém, com o pronome pessoal do caso reto “ela” (linhas 1, 4, 10 e 13), que a dêixis pessoal, na canção, gera efeitos de sentido mais curiosos. Comumente, como sabemos, esse pronome refere-se a uma pessoa previamente mencionada, o que não é o caso da primeira ocorrência do termo (linha 1). Quem é ela de quem se fala, se a canção acaba de começar? Como se vê adiante, nas demais ocorrências (linhas 4, 10 e 13), “ela” se refere à mulher de quem toda a narrativa tratará: uma acompanhante. Ainda em referência a essa mesma 3ª pessoa, convém destacar o pronome possessivo “sua” (linha 12). Por meio dessa reiteração, conforme propõe Rabatel (2016), o enunciador se utiliza de estratégias persuasivas para agir sobre o outro, levando-o a se solidarizar pelas dificuldades e sofrimentos vividos em virtude da vida a que a personagem precisou se submeter.

Dêixis pessoal (1ª pessoa)

Na segunda parte da canção, nas linhas de 15 a 27, por sua vez, ocorre uma alternância de vozes, e é possível verificar a efetivação da dêixis pessoal por meio de uma série de automenções. São exemplos desses mecanismos referenciais: o pronome pessoal do caso reto “eu” (linhas 15 e 22), o pronome pessoal do caso oblíquo “me” (linhas 18, 25 e 27) e, também, o pronome possessivo “meu” (linhas 15 e 22), todos vinculados a uma 1ª pessoa. Dessa forma, os dêiticos destacam o protagonismo da locutora/enunciadora, justificando suas escolhas e expressando sua ação.

É essencial destacar o uso do pronome de 1ª pessoa “eu” por ser a forma mais tradicional de dêixis pessoal, a partir da qual se dão as outras formas dêiticas. No entanto, ainda nessa parte da canção, não podemos ignorar a ocorrência do pronome possessivo “sua” (linha 20), que, diferentemente do que ocorre na primeira parte, configura-se como uma marca de 2ª pessoa – se lá (linha 12) o “sua” vinculava-se à personagem, enquanto alguém falava dela, aqui o “sua” vincula-se ao interlocutor dela, enquanto ela se dirige a ele.²

² Essa dinâmica se dá pelo fato de que, no português brasileiro, apesar de referir-se à 2ª pessoa (equivalendo a “tu”), o pronome “você”, assim como a forma plural “vocês” (para “vós”), é acompanhado por verbos conjugados na 3ª pessoa, sendo as formas pronominais possessivas flexionadas da mesma maneira.

Como fica evidente em nossa proposta de análise, a natureza subjetiva da dêixis se manifesta em cada atualização na situação enunciativa. Porém, ainda que não seja nosso ponto focal, efeitos de sentido importantes emergem de elementos pronominais que funcionam como dêiticos na canção. Em “desse jeito” (linha 4), o demonstrativo “esse”, na contração, aponta para uma direção específica, chamando a atenção de quem ouve a canção para o que vê diante de si, marcando, portanto, a espacialidade. O mesmo efeito de proximidade, porém agora delimitando uma atitude, um juízo de valor, e não um estado, decorre do emprego de “isso”, em “isso é preconceito” (linha 5), em referência ao ato de apontar o dedo.

Por fim, além da dêixis como um processo de referenciação para esta análise, recomendamos ao professor que explore o funcionamento referencial a partir de outros elementos do texto. Por exemplo, a narrativa da “menina” que dedicou a vida a “amores de quinta” (linhas 8 e 9) constitui uma forma de referência que não se conecta apenas à personagem da canção, mas também, considerando o diálogo do texto com o contexto sócio-histórico do qual emerge, a muitas outras “meninas” que buscam abraços diante de caras enojadas. Da mesma forma, a “calçada”, que intitula o texto, referencia os múltiplos espaços sociais nos quais essas histórias são vivenciadas.

4.2 Os pronomes e a debreagem no texto

A promoção da leitura de textos em sala de aula, segundo os preceitos da SD, pode se dar em diferentes direções, pensando-se nos códigos utilizados, nos temas que emergem das diferentes figurativizações empreendidas na composição discursiva, entre outras abordagens. No caso da canção *Troca de calçada* (2021), resultados acentuadamente produtivos seriam alcançados pela exploração de seu plano de conteúdo com base nos procedimentos analíticos do PGS, a partir dos quais o professor conduziria a leitura desde as estruturas mais profundas do texto até as mais superficiais.

Para um trabalho centrado no emprego de recursos pronominais no texto, elegemos, como antecipamos na discussão teórica, o *nível discursivo* do PGS, em que são verificados os procedimentos de projeção da enunciação no enunciado, o que se dá pela instalação das categorias de pessoa, espaço e tempo. Nossa proposta está concentrada na análise do processo de actorialização, de modo que se evidencie o papel dos pronomes na tessitura enunciativa da canção, tanto na primeira quanto na segunda parte (vide Quadro 1), restrição que pode ser repensada pelo professor.

Como antecipamos na apresentação do texto e como previamente ilustrado na seção anterior, que tratou do olhar da LT sobre o objeto, fica evidente um movimento enunciativo da 3ª para a 1ª pessoa quando se comparam as duas porções de análise da canção. O enunciador, enquanto voz que enuncia, mobiliza estratégias que recriam efeitos de distanciamento e de aproximação (Fiorin, 2008), que corroboram o simulacro da realidade que emerge da narrativa: distancia-se da mulher na rua, “trocando de calçada”, enquanto ela clama por um “abraço” não

repulsor. Isso se dá pelo acionamento de debreagens, respectivamente, enunciva e enunciativa, que podem ser contempladas pelo professor por meio de reflexões como as apresentadas a seguir.³

Debreagem enunciva

Nas linhas de 1 a 13, o pronome “ela” assume posição actancial predominante, remetendo a um personagem instalado na narrativa que não coincide com o “eu” pressuposto no ato enunciativo (aquele que enuncia). Remetendo à mulher de quem se fala, o enunciador constrói um texto enuncivo, produto de uma *debreagem actancial enunciva* (Fiorin, 1996; 2008). A intenção é gerar um efeito de objetividade, de distanciamento, falando sobre um actante observado à distância. “Ela” não tem nome, em um anonimato que recobre também outros elementos pronominais indefinidos mobilizados no discurso: “alguém” (linha 1), “cada” (linha 12).

É essencial destacarmos, no entanto, que o distanciamento não reveste a categoria, nesse caso, de um caráter inferiorizado. Contrariando a concepção de Benveniste (1995) e em consonância com o postulado de Fiorin (1996), “ela” deixa de ser uma “não-pessoa”, como o verso da linha 1 pode nos levar a pensar, alguém por quem apenas se passa, para tornar-se uma pessoa de fato, que “tem motivos” (linha 4), que “já sonhou” (linha 10) e que, inclusive, “vende” (linha 13).

Debreagem enunciativa

Nas linhas de 14 a 27, as vozes da enunciação e do enunciado se fundem, e “ela” assume o protagonismo de um texto agora enunciativo, resultante de uma *debreagem actancial enunciativa* (Fiorin, 1996; 2008), que projeta no enunciado o actante da enunciação. O intuito, dessa vez, é estabelecer um efeito de subjetividade, de aproximação, por meio de um actante que se reconhece e fala de si. O pronome “eu” (linhas 15 e 22) representa a materialização essencial desse movimento, mas outros elementos pronominais o reforçam, como “meu” (linhas 15 e 22) e “me” (linhas 18, 25 e 27), além, é claro, de todas as formas verbais conjugadas em 1ª pessoa.

O efeito de proximidade é corroborado pela presença de “você” (linhas 18 e 25), que, ao lado de “eu”, constitui o par de sujeitos da enunciação, sempre únicos (Fiorin, 1996). É a “você”, diferente a cada enunciação (a cada reprodução da canção, por assim dizer), que “eu” se dirige para manifestar seu apelo por um abraço, pelo não apedrejamento.

³ Vale destacarmos a necessidade de cautela com o emprego de metalinguagem teórica em sala de aula. Numa abordagem como essa, recomendamos não falar de “debreagens enuncivas ou enunciativas” com os alunos, mas apenas de “efeitos de sentido de distanciamento ou de aproximação”.

Essa é uma síntese de nossa proposta de leitura semiótica da canção, enfatizando-se os efeitos alcançados por meio dos pronomes na sua estrutura verbal, especificamente no nível discursivo. Dado o caráter didático pretendido por este artigo, porém, acreditamos caber uma breve menção aos níveis anteriores do PGS, com considerações que podem igualmente exemplificar ao professor modos de leitura possíveis.

Quanto ao *nível fundamental*, por exemplo, poderíamos explorar oposições semânticas fundamentais que originam os sentidos do texto. Em *Troca de calçada* (2021), uma das principais oposições, que emerge do próprio título da canção, pode ser representada pela estrutura *repulsão x afeição*. A repulsão seria afirmada a partir do ato de desvencilhar-se, de efetivamente “trocar de calçada”, do apedrejamento, ao passo que seria negada na possibilidade do abraço buscado pelo “eu”, quando se afirmaria, por sua vez, a afeição. Já no *nível narrativo*, verificam-se papéis actanciais diversos, entre os quais se destaca o do sujeito “eu” que busca estar em conjunção com a afeição, com um olhar não repulsor, com um abraço, mas que permanece disjunto desse objeto.

Essas pistas interpretativas nos direcionam para leituras mais aprofundadas, que exploram, por seu turno, outros códigos, como discutimos na sequência.

4.3 Para além dos recursos verbais de significação

Na seção que tratou da apresentação de nosso objeto de análise, tomado como objeto de ensino, mencionamos a possibilidade de, por meio dele, contemplarmos dois eixos de ensino de Língua Portuguesa indicados pela BNCC (Brasil, 2018): a leitura e a análise linguística/semiótica. Em certa medida, isso foi atendido nos itens anteriores, em que “lemos” o texto, analisando-se os recursos linguísticos empregados em sua composição. O fato é que, de acordo com o documento, tais eixos expandem-se para além do verbal:

Se uma face do aprendizado da Língua Portuguesa decorre da efetiva atuação do estudante em práticas de linguagem que envolvem a *leitura/escuta* e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, situadas em campos de atuação específicos, a outra face provém da reflexão/análise sobre/da própria experiência de realização dessas práticas. Temos aí, portanto, o eixo da *análise linguística/semiótica*, que envolve o conhecimento sobre a língua, sobre a norma-padrão e sobre as outras semioses, que se desenvolve transversalmente aos dois eixos – leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica – e que envolve análise textual, gramatical, lexical, fonológica e das *materialidades das outras semioses*. (Brasil, 2018, p. 80, grifos nossos)

Troca de calçada (2021), como canção, convoca-nos à exploração de elementos que permitam a preparação do aluno para “identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc. em artefatos sonoros” (Brasil, 2018, p. 73). Nesse caso, ambas as teorias – LT e SD – trazem suas contribuições.

Sob o escopo da LT, conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 276), “os referentes podem se evidenciar nos textos por diferentes sistemas semióticos, não somente pelo verbal, nem apenas por expressões referenciais. Aspectos multimodais de toda ordem estão ligados nessa coconstrução e se encontram imbricados em fatores contextuais”. Nesse sentido, independentemente do modo como os referentes emergem nos textos, “eles são sempre sugeridos por pistas apreensíveis pelos órgãos do sentido – verbais, imagéticas, gestuais, *sonoras*, etc. Imbricadas a saberes e valores contextuais de diversas ordens” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 276, grifo nosso).

Isso se evidencia na canção, quando, ao analisarmos a melodia, verificamos uma alteração acentuada na tonalidade, na passagem da primeira parte, que compreende os segmentos musicais *verso* (linhas de 1 a 9) e *pré-refrão* (linhas de 10 a 13), para a segunda parte, constituída especificamente pelo *refrão* (linhas de 14 a 27). Apresentando inicialmente um ritmo harmônico regular, com trocas de acordes a cada dois compassos, a sonoridade alcançada pelo recurso do pré-refrão cria uma atmosfera de tensão, que eclode com o refrão, em que a personagem assume a voz, posiciona-se, como se “gritasse” pela libertação frente a olhares que apedregam. A referencialidade está nessa associação.

O aumento da tensão é materializado na mudança na extensão vocal empregada por Marília Mendonça em cada segmento, que varia do verso, passando pelo pré-refrão e chegando à estrofe, de forma ascendente, como ilustra a Figura 1, a seguir:

Figura 1. Mudanças na extensão vocal



Fonte: Elaborada pelos autores.⁴

⁴ A elaboração da Figura 1 e os comentários analíticos que contemplam conceitos musicais específicos contaram com a colaboração dos musicistas Camila Santiago e Thiago Ueda, a quem agradecemos.

A discussão embasada nos preceitos da SD pode assumir como ponto de partida o mesmo exemplo. Como explorado no confronto entre o plano de expressão (Figura 1) e o plano de conteúdo (discutido a partir da letra disposta no Quadro 1), temos o estabelecimento de uma relação semissimbólica. Conforme Barros (2007), o semissimbolismo baseia-se na ocorrência de relações análogas entre expressão e conteúdo, ou seja, elementos do plano de expressão “representam” elementos do plano de conteúdo. Em *Troca de calçada* (2021), a tensão das palavras reverbera na tensão dos sons.

Atestamos, portanto, por meio dessas análises preliminares, a proficiência da abordagem didática do texto selecionado.

Considerações finais

Nosso artigo foi delineado a partir da articulação de discussões referentes ao ensino contextualizado de Língua Portuguesa, que assume o texto como unidade de trabalho. Tal premissa, apropriada pela BNCC (Brasil, 2018), a exemplo de referenciais anteriores, convoca o professor dessa área a considerar manifestações textuais circulantes em diferentes campos de atuação social, de modo que o aluno tenha contato com gêneros discursivos cada vez mais diversos, constituídos de múltiplas linguagens e capazes de prepará-lo para interações reais. A proposta apresentada, portanto, nesse contexto, objetivou ilustrar a abordagem de elementos pronominais, recursos linguísticos contemplados no currículo escolar, por meio da leitura textual-discursiva de uma canção, texto vinculado ao campo artístico.

Como pesquisadores do texto-discurso que acreditam na possibilidade de articulação de diferentes (embora complementares) quadros teórico-metodológicos, e concordando com o posicionamento de Antunes (2014) de que nossas concepções teóricas balizam nossas práticas, recorreremos a alguns fundamentos da LT e da SD. Tais teorias foram apresentadas com base em recortes que expusessem seus olhares para os elementos alvos de nossas análises, os pronomes, e funcionaram como âncoras para nossas asserções analíticas.

No que concerne às análises pautadas nos preceitos da LT, evidenciamos a dinâmica dos processos de referenciação, confirmando, em um texto real, o papel de pronomes como formas dêiticas. Nessa função, para além de articulações coesivas comumente apontadas para esses elementos linguísticos, verificamos a ênfase aos efeitos de sentido que esses processos referenciais podem exercer no contexto de uso.

As análises baseadas na SD, por sua vez, além de apresentarem alternativas para o aprofundamento da leitura, em níveis que aqui não foram prioritariamente contemplados (como a identificação de oposições semânticas e/ou as relações entre sujeitos e objetos da narrativa), permitiram a assunção dos pronomes como marcas das projeções enunciativas no discurso. Sob esse enfoque, o texto que constitui a canção, como uma cena enunciativa, funciona como um espaço para a projeção de vozes, que oscilam entre “ela” e “eu”, num jogo de debreagens, por

meio das quais a instância enunciativa ora se aproxima ora se distancia, inscrevendo no discurso efeitos de sentido.

Gostaríamos de finalizar ressaltando que um texto dessa natureza permite múltiplas abordagens, algumas das quais apontamos brevemente ao discutirmos os sentidos expressos para além do verbal. No entanto, há ainda diversificadas possibilidades de exploração de recursos linguísticos. Por exemplo, em “hoje você me vê assim e troca de calçada” (linhas 18 e 25), é irrefutável a afirmação de que “troca” seja a flexão do verbo “trocar” na segunda pessoa do singular, considerando o paradigma pronominal do português brasileiro, em que “você” ocupa, em múltiplas ocorrências, o lugar de “tu”. No entanto, o que dizer do título da canção? Ele traz também a forma verbal, ou o que se tem é um substantivo, já que a canção narra “a troca de calçada” realizada por alguém que desvia da personagem?

Discussões dessa natureza, no âmbito da análise linguística, têm amplo espaço em sala de aula. Junto delas, podem ser igualmente planejadas tarefas nas quais as aprendizagens alcançadas em atividades de leitura sejam transpostas, de forma aplicada, para atividades de produção textual, oral ou escrita, ampliando a articulação dos eixos de ensino propostos pela BNCC (Brasil, 2018). Assim, por meio do texto, o estudo da língua se contextualiza, permitindo ao professor um olhar remodelado para a gramática, afinal, de uma forma ou outra, a aula de português sempre se volta a ela.

Referências

- ADAM, J-M. *Textos, tipos e protótipos*. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- ANTUNES, I. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Alex. 1997.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Edunicamp, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.
- FIORIN, J. L. A pessoa desdobrada. *Alfa*, São Paulo, n. 39, p. 23-44, 1995.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

LINHA D'ÁGUA

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dimas Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. O texto na linguística textual. In: BATISTA, R. O. (org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MONDADA, L. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa – pontos de vista e lógica da narração teoria e análise*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016. v. 1.

TROCA de calçada. Intérprete: Marília Mendonça. Compositores: Marília Mendonça, Juliano Tchula e Vitor Ferrari. In: NOSSO amor envelheceu. Intérprete: Marília Mendonça. Rio de Janeiro: Som Livre, 2021. EP, faixa 2 (3min24).